

O CÃO EM BESTIÁRIOS E VIDAS DE SANTOS: METÁFORA E IMAGINÁRIO

Isabel Barros Dias*

isabel.dias@uab.pt

UNIVERSIDADE ABERTA, LISBOA, PORTUGAL

Os bestiários, por tradição, veiculam múltiplas ideias sobre inúmeros animais salientando reflexões sobre as suas características e remetendo metaforicamente para moralidades que lhes estariam subjacentes. Também existem diversas vidas de santos que referem animais, nomeadamente cães. Tendo em conta esta base, procede-se a uma análise comparativa do modo como os cães são apresentados em algumas passagens das duas formas textuais, salientando-se sobretudo os pontos de convergência. Estes podem dever-se, seja a uma influência do bestiário sobre a hagiografia, uma vez que a antiquíssima tradição enciclopédica animal foi adaptada e integrada na literatura didático-moralizante cultivada nos mosteiros, seja à partilha de um fundo cultural comum cujas raízes podem remeter para estruturas arcaicas e remotas do imaginário humano.

O CÃO É UM DOS ANIMAIS QUE TEM ACOMPANHADO O SER HUMANO AO LONGO DA SUA EVOLUÇÃO. DESDE CEDO COMPANHEIRO DE CAÇA, atualmente é o nosso companheiro de tapete, de sofá, ou mesmo de cama. Se a população urbana atual se afastou da maior parte dos animais de trabalho e de pastoreio, o mesmo não sucedeu com os cães que, tal como os gatos, mantiveram uma notável proximidade. No entanto, a sua valência de companheiros e de guardas passou gradualmente a prevalecer sobre as valências da caça e do pastoreio, cada vez mais residuais. No período medieval, pelo contrário, os cães cumpriam as suas diversas funções, sendo valorizados por isso. Um destaque especial deve ser dado à sua importância na caça, o que contribuiu em muito para a sua consideração como um animal nobre, porque companheiro da aristocracia nas

141

O CÃO EM BESTIÁRIOS
E VIDAS DE SANTOS:
METÁFORA E IMAGINÁRIO

Isabel Barros Dias

* Docente na Universidade Aberta de Portugal – Departamento de Humanidades e elemento do Instituto de Estudos de Literatura e Tradição e do Instituto de Estudos Medievais, ambos da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, Portugal.

suas atividades venatórias e, conseqüentemente, elemento do respetivo aparato cénico de poder. Este valor transparece num número considerável de obras onde, para além de indicações sobre presas e métodos da caça, vários capítulos são invariavelmente dedicados aos cães, dando informações sobre as diferentes raças e sua adequação para funções específicas, os seus hábitos, os cuidados a ter com os canis, as ninhadas e a alimentação, como criá-los, ensiná-los, testá-los, e ainda como curar as maleitas que os podem atacar. Como exemplo do entusiasmo que a caça com cães suscitava, recorde-se uma famosa passagem do *Livro da Montaria*, onde o rei D. João I, com um empolgação quase herético, compara as emoções da arte venatória à visão da glória de Deus, e considera os sons dos toques, das vozes e dos latidos, na caça, como mais harmoniosos do que a música daquele que será o compositor mais importante do séc. XIV, Guillaume de Machaut, cuja obra revolucionou o anterior cantochão, introduzindo a sobreposição de vozes, ou seja, a complexa polifonia da chamada *Ars nova*, também considerada como promotora de elevação espiritual:

Já quando o urso sai por alguma armada, então é tão formosa coisa de ver, que aqueles homens que o vêem não podem ser tão pouco monteiros que não sejam em tal folgança, que todas as coisas que houvessem de fazer, que lhe não esquecessem, ca, em dizer verdade, esta vista é tão saborosa em ver, que comparada é com a vista da glória de Deus. [...] muito formosas coisas são de ouvir quando os monteiros tangem rasto e depois em ouvir quando os cães vão a achar a vozes e acham e já quando todos correm ensembra; isto não é de osmar, ca podemos dizer muito bem que Guilherme de Machado não fez tão formosa concordância de melodia, nem que tão bem pareça, como a fazem os cães quando bem correm. (João I, 2003, p. 17)

Este excerto apresenta uma passagem da consideração mais pragmática dos cães para um nível mais abstrato e simbólico, de grande importância na Idade Média. Com efeito, neste período, a relação entre o ser humano e a natureza, para além do nível básico da subsistência de ambos ou da posse de um pelo outro, tinha outras dimensões. O entendimento do mundo como um livro aberto à espera de ser lido, reflexo do seu Criador, constituía um estímulo a ver para além das aparências, fazendo com que a natureza se tornasse fonte de ensinamentos e de

reflexões no quadro da predominância de uma forma de pensar simbólica, assente em comparações e metáforas usadas como ferramentas capazes de captar e de veicular noções mais abstratas.^[1]

Um tipo de literatura que, independentemente de ter as suas raízes na Antiguidade Clássica, entroncou nesta linha ideológica, foi a tradição dos fisiólogos e bestiários.^[2] Estas obras, que tiveram um notável sucesso, apresentavam as características de múltiplos animais, uns reais, outros imaginados, e estabeleciam associações metafóricas com tipos de pessoas, formas de atuação positivas ou negativas, vícios e virtudes, refletindo, não só sobre a natureza animal, mas também sobre a humana, os seus valores e os seus ideais.^[3] Para a elaboração destes comentários, os seus autores terão recorrido aos métodos de leitura medievais, inicialmente aplicados à *Bíblia* mas que, posteriormente, se foram alargando a outras formas textuais: os quatro níveis exegéticos, uma estratificação de crescente subtileza e dificuldade, cujo acesso era condicionado pelo grau de entendimento do leitor ou ouvinte.^[4] A aplicação destas ferramentas exegéticas aos bestiários terá sido fácil

¹ Sobre a relação entre os homens e os animais no período medieval, ver as reflexões de Pastoureau (2004, p. 29-77). Apesar de o cão não ser especialmente mencionado, estas páginas dão uma visão bastante cabal das duas vertentes deste relacionamento: por um lado, o distanciamento, que permite o entendimento simbólico e metafórico do animal, e, pelo outro lado, a noção de uma proximidade, biológica e transcendental (*idem*, p. 30-31).

² Os fisiólogos são as composições mais antigas. Originalmente redigidos em grego, entre os séculos II e IV, integraram posteriormente a literatura latina. Sobre estas obras, ver as introduções que Curley (1979) e Zucker (2005) fazem às suas edições e traduções do fisiólogo. Os bestiários descendem dos fisiólogos. Na sua maior parte redigidos em latim, foram também traduzidos para outras línguas, tendo atingido o momento de maior sucesso nos séculos XII-XIII. Para uma visão geral deste tipo de literatura, ver a introdução à edição de Clark (2006).

³ Sobre o caráter exemplar, moral e alegórico dos animais nos bestiários e em outras formas literárias didáticas, de persuasão moral, ver, p. ex., Berlioz & Beaulieu (1999) ou Faraci (2003).

⁴ O sentido histórico (o mais conforme à realidade dos acontecimentos narrados), o alegórico (apoiado, regra geral, no método tipológico, procura estabelecer relações entre cenas do Novo e do Antigo Testamento), o tropológico (procura, a partir da realidade visível, descortinar verdades morais superiores) e o anagógico (parte igualmente da realidade mundana, mas entendendo-a como representação das realidades celestes e da vida futura). Sobre este assunto ver Lubac (1959, 1961 e 1963) que refere múltiplas formulações, evoluções, mutações e arrumações desta estrutura exegética. Lubac equaciona ainda o

por tratar-se de métodos conhecidos das pessoas cultas da época, na sua maior parte clérigos. Sendo os bestiários, na sua base, enciclopédias sobre o mundo animal, com um discurso aparentemente científico, esta forma textual é redirecionada no período medieval, graças aos comentários que lhe são adicionados, e que se caracterizam por serem tendencialmente morais e didáticos, recorrendo a analogias, e tendo como finalidade ensinar o cristianismo e seus preceitos comportamentais, bem como estimular o pensamento reflexivo em matérias de religião.

Apesar de o cão não ser dos animais mais recorrentes, nem dos mais explorados pelos bestiários, no entanto, consta em múltiplos destes manuais, sendo a sua apreciação, geralmente, feita nos seguintes termos:^[5]

- A) Características expostas sem comentários, mas, por vezes, acrescidas de pequenas histórias exemplificativas da característica em causa:
- a etimologia fantasiosa que considera que a sua designação (*canis*) deriva, ou do grego (*cenos*), ou do som dos seus latidos (*canere*);
 - são especialmente espertos e têm os sentidos mais apurados - reconhecem o próprio nome e amam os seus donos;
 - existem diversas raças, aptas para diferentes funções: caça, vigilância e guarda de rebanhos; guarda dos donos e dos seus pertences;
 - fidelidade – defendem os donos até à morte e, por vezes, mesmo depois, havendo casos em que os cães guardam os corpos de donos falecidos;
 - é da natureza do cães não existir sem pessoas;
 - quando farejam uma presa agem de modo semelhante ao do raciocínio silogístico, eliminando as pistas falsas, até encontrarem a correta;
 - podem ser testemunhas silenciosas, mas credíveis em tribunal, havendo situações em que um dono é assassinado e o cão ataca o criminoso, delatando-o.

sentido literal com a historiografia, a alegoria com a fé, a tropologia com a mística e a anagogia com a escatologia.

⁵ A lista de características a seguir apresentada foi elaborada com base na edição do bestiário da segunda família que integra a obra de Clark (2006, pp. 145-148).

B) Características interpretadas e comentadas de forma didático-moralizante:

- guarda os donos e as suas propriedades, afastando os ladrões -> pregadores que, pelos seus ensinamentos e exemplos, afastam o demónio e preservam o tesouro de Deus (as almas dos cristãos);
- lambe as feridas para as curar -> quando as feridas dos pecadores são expostas em confissão, são limpas pela admoestação dos padres;
- língua de cachorro cura feridas intestinais -> os segredos do coração são limpos pelas boas obras e palavras de um douto;
- o cão tem uma vida moderada -> porque aquele que é vigilante excede os outros na devoção à sabedoria, evitando excessos de gula;
- volta ao seu próprio vomitado para o comer de novo -> algumas pessoas, depois de terem confessado os seus pecados, voltam a realizá-los;
- se tem comida na boca e vê o seu reflexo na água, larga o que tem para apanhar o reflexo, perdendo o que trazia -> os imprudentes perdem o que possuem procurando obter algo que desconhecem e que não podem alcançar.

Tal como a maior parte dos animais descritos nos bestiários, o cão tem, não só características positivas, mas também negativas. Alguns atributos podem ainda ser objeto de interpretações diferentes. Como exemplo desta ambivalência simbólica, veja-se o bestiário de um manuscrito catalão (Panunzio, 1964, p. 33), que reelabora o motivo do cão que larga a comida que tem para alcançar o seu reflexo, e que é o tema central de uma fábula muito conhecida de Esopo, obra que foi amplamente divulgada no período medieval.^[6] O texto catalão opta por aprofundar este ponto, comparando a atitude do cão à das pessoas que perdem as almas para alcançar coisas temporais/as riquezas mundanas, que são como sombra, ou reflexo.

Sendo os bestiários leitura comum nos conventos, onde foram produzidos na sua grande maioria, será de esperar que pelo menos

⁶ Veja-se, a título de exemplo, a fábula «O cão e a posta de carne» que integra o «Fabulário português» editado por Vasconcellos (1903-1905, pp. 106-107). Vários outros testemunhos deste breve relato (bem como outras fábulas que se referem a cães) podem ser encontrados no catálogo do projeto Fábula, desenvolvido no IELT, centro de estudos da NOVA-FCSH.

algumas das características aí dissecadas ressurgam na literatura religiosa em geral, como em sermões ou em hagiografias e vidas de santos. Ocasionalmente, estas últimas formas textuais apresentam remissões explícitas para matéria divulgada em bestiários, provando assim o seu conhecimento.^[7] No entanto, sendo estas remissões pouco recorrentes, fica a dúvida, se a hagiografia bebeu escassamente nas informações do bestiário, ou se simplesmente se absteve de o referir por uma questão de economia textual, tendo em conta que a informação veiculada pelos bestiários era tão conhecida que não valeria a pena fazer-lhe referências explícitas.

No que se refere ao caso específico da presença de cães em algumas narrativas de vidas de santos, a consideração de um conjunto de textos parece revelar uma interessante ambiguidade. Sem descartar a possibilidade de estarmos perante um caso de poligénese, ou seja, de manifestações paralelas, não relacionadas entre si, meras coincidências emanadas simplesmente de um mesmo contexto ideológico, parece, no entanto, ser possível identificar alguns ecos das características dos cães identificadas nos bestiários em determinadas passagens de hagiografias onde estes animais são referidos, sendo que, em alguns casos também encontramos relatos que remetem para arquétipos mais longínquos e profundos do imaginário humano sobre o cão.

Um primeiro conjunto de textos analisado caracteriza-se por apresentar uma nítida separação entre o mundo humano e o animal. Trata-se de relatos onde o percurso de vida de um santo se cruza com um cão, com o qual interage e que frequentemente passa a integrar a sua iconografia, e/ou onde uma das valências protetoras de um santo inclui problemas relacionados com cães (com destaque para o flagelo da raiva).

São Roque (Roque de Montpellier, séc. XIV), protetor do gado e dos médicos, é provavelmente o santo mais conhecido cuja história se associa a um cão. Tendo curado várias vítimas da peste acaba, ele próprio, por contrair a doença. Para não contagiar ninguém esconde-se numa floresta onde é ajudado por um cão que lhe traz comida até

⁷ Um destes casos é a informação sobre leões que integra a história de S. Lucas evangelista (Jacques de Voragine, 1967 II, p. 285).

à sua cura.^[8] Na iconografia é representado junto de um cão com um pão na boca, ou que lhe lambe as chagas, à semelhança dos cães que, na parábola “O rico e Lázaro” (Lucas 16) lambiam as chagas do pedinte leproso que ganhou o céu. Estas duas tradições não só remetem para a proximidade entre os cães e os homens, mas também ecoam a sua vertente taumatúrgica, ou seja, a ideia, difundida pelos bestiários, de que a sua lambidela cura as chagas. Por outro lado, a relação entre S. Roque e o cão recupera ainda o tópico bastante comum do animal adjuvante que fornece comida,^[9] o que também encontramos no bestiário, numa das histórias usadas para ilustrar a fidelidade dos cães: a de um cão que, no tempo dos romanos, seguiu o seu dono até à prisão e depois acompanhou o seu cadáver, e quando a população, comovida, lhe dava pão para que comesse, o animal levava o pão à boca do dono (Clark (ed.), 2006, p. 146).

A permanência da fidelidade canina, mesmo após a morte do dono, é um tema que ressurge na história de Santa Margarida de Cortona (séc. XIII, padroeira dos injustiçados, penitentes, parteiras, órfãos, sem abrigo, mães solteiras e prostitutas arrependidas). Tendo saído de casa dos seus pais para viver com um amante nobre, o assassinato deste deixa-a abandonada, com o filho de ambos nos braços, o que a leva ao arrependimento da vida passada e ao ingresso num convento franciscano da ordem terceira, onde passa o resto dos seus dias em penitência e caridade (Marchese, 1686, p. 5). Neste relato, o cão surge como o elemento que revela o assassinato, uma vez que conduz Santa Margarida até ao corpo morto do seu antigo amante, o que se articula, não só com a questão da fidelidade canina, mas também com o seu papel de delator de crimes. Para além disto, esta história aponta ainda para outra característica importante, à qual voltaremos adiante, que consiste na vertente de psicopompo, que marca algumas figuras caninas, associável ao facto de o animal guiar Santa Margarida para um espaço diferente, a floresta, onde o crime teria ocorrido. À semelhança

⁸ Para uma versão da lenda de São Roque | Rocke | Roch | Rocco, ver a de Jacobus de Voragine (1900 vol. 5, pp. 1-11).

⁹ Caso dos animais que amamentam crianças abandonadas, substituindo-se às suas mães, ou dos que alimentam santos penitentes, uma questão abordada por Salter (2001, pp. 80 e 87) e por Haubrichs (2003).

de outros animais, como os veados ou os javalis, o cão pode assumir uma função de psicopompo, guia que estabelece a ligação entre mundos diferentes. Este elemento do imaginário canino, apesar de nos parecer distante no tempo e na mentalidade, não estará assim tão afastado, pois podemos entendê-lo como subjacente a funções preenchidas ainda hoje por cães, nomeadamente, às funções farejadora e salvífica de algumas raças de cães apuradas em mosteiros (como o São Bernardo, ou o Cão de Santo Humberto, treinados para encontrar acidentados ou perdidos e trazê-los de volta à vida ou à civilização), ou ainda aos cães-guias de cegos, animais que continuam a assumir papéis de guias e de ligação entre mundos, no que remetem para arquétipos ancestrais, se bem que de modo ténue e diluído.

O tema da proteção de um santo por um cão pode ser encontrado de forma especialmente marcada numa biografia relativamente recente, a de São João Bosco (1815-1888), educador e padroeiro dos jovens aprendizes. Nas suas *Memórias* (Bosco, 1979, cap. 24.), «Don Bosco» recorda Grigio, um cão que aparecia e desaparecia misteriosamente e que por várias vezes o defendeu de agressores e protegeu por caminhos perigosos. Particularmente curioso é o nome dado a este cão, Grigio, ou seja, cinzento, podendo o termo também significar «ambíguo» ou «carrancudo», «com mau aspeto». Independentemente de se tratar de um animal que protege um santo, a sua cor, aliada ao seu aspeto, qualificado como assustador, remete-o para o estereótipo do cão negro, negativo, frequentemente associado ao demoníaco. Com efeito, são relativamente comuns as tradições populares, bem como as representações literárias e pictóricas onde o diabo aparece em forma de cão.^[10] Este entendimento negativo estará também subjacente ao uso de algumas expressões ofensivas, como o próprio termo «cão», ou «canalha» que, etimologicamente, deriva de *canalia*, sinónimo de matilha. Não será estranho a este quadro linguístico e mental a menor consideração

¹⁰ Sobre este assunto, veja-se o estudo de Woods (1959), que examina o motivo do aparecimento do diabo em forma de cão negro no folclore e na literatura (nomeadamente no *Fausto* de Goethe). Veja-se também o artigo de Gibson (2016), onde são referidos cães pretos demoníacos presentes na literatura e em representações pictóricas. Finalmente, veja-se Walter (1992, p. 240-242) que recorda a tradição dos cães negros psicopompos da mitologia celta, o que poderá estar na origem da subsequente negatividade atribuída a estes animais em contexto cristão.

em que os cães eram tidos na Antiguidade greco-latina, o que levou à sua associação a gente vil, desprezível, e, na sequência desta linha, ao uso destes termos como designação ofensiva de infiéis (Librová, 2003). A título de exemplo, veja-se as reflexões de Rábano Mauro que, no séc. IX, entre outras interpretações, considera que o cão é assimilável ao diabo, ao judeu, aos povos gentios, aos padres desonestos, aos heréticos (Suchaux & Pastoureau, 2002, p. 50)... o que também justifica algumas representações de Judas com um cão ao lado (Pastoureau, 2004, p. 198). Dado este contexto ideológico, apesar de se tratar de uma narrativa do século XIX, a relação de Grigio com Dom Bosco recupera o imaginário mais arcaico da submissão de animais especialmente fortes, perigosos ou negativos perante um santo, como forma de demonstrar o seu domínio sobre a natureza selvagem, seus perigos e mesmo as forças «mais suspeitas». Neste caso, o cão ameaçador é isomorfo de outros animais selvagens ou ameaçadores, como dragões, lobos, leões ou ursos,^[11] estes dois últimos detalhadamente estudados por Pastoureau (2007). Curiosamente, quando São João Bosco descreve a atitude do seu cão contra uns malfeitores refere especificamente «Il Grigio continuava ad urlare come lupo o come orso arrabbiato» (cap. 24).

O binómio ataque ou perigosidade/proteção e sua associação a cães é um tema que surge ainda em algumas vidas de santos que não dão destaque especial a cães, mas que os referem enquanto elemento de um cenário específico. Assim, a visão de cães ameaçadores surge em algumas hagiografias de santos e santas martirizados ou de alguma maneira hostilizados ou perseguidos. Para um exemplo do *Flos Sanctorum* português (Santos Extravagantes),^[12] veja-se a história

¹¹ Para alguns exemplos, ver as vidas de: Santa Margarida de Antioquia que faz desaparecer um dragão fazendo o sinal da cruz (Jacques de Voragine, 1967 I, p. 454); São Filipe apóstolo, que expulsa um dragão (*idem*, 330); São Primo e São Feliciano, lançados às feras, que ficam mansas na sua presença (*idem*, pp. 389-390); Santa Marta, que domina um monstro com água benta (*idem*, p. 22); São Mateus apóstolo expulsa dragões (*idem*, p. 213); São Jerónimo é servido por um leão que, depois de curado pelo santo, o serve como um animal doméstico (*idem*, 247)...

¹² O *Flos sanctorum em lingoagê português*, foi impresso em Lisboa em 1513, pelo alemão Hermão de Campos. Esta coletânea de vidas de santos é uma das muitas traduções / reelaborações da *Legenda áurea* de Iacopo da Varazze e terá sido composta entre 1511 e 1513. Para mais informações sobre as características e especificidades deste texto, ver o artigo de Sobral (2001-2002), que resume o estudo realizado na tese de doutoramento da autora.

de Ordone, mordomo do conde D. Henrique de Portugal, que rapta uma mulher devota, casa com ela à força e, quando ela foge, depois de se fazer substituir por uma criada no leito nupcial:

saio se logo a grande pressa e ajuntou todos os do lugar como caães e meterom se polos montes a buscar a sancta molher. E ella, veendo a gente e os caães viir contra si, pos os giolhos em terra e, levantando os olhos ao ceeo e com muitos suspiros e lágrimas, se encomendou ao varom de Deos [Sam Giraldo]. E aquelle mezquinho com aquelles que o acompanhavam passavam muitas vezes per junto com ella e esso mesmo os caães, mas nunca nenhuũ a via e per vontade de Deos se tornarom per huũ caminho cheo de espinhos com grande tristeza. (Lucas (ed), 1988, p. 174).

Esta situação remete para o perigo real que os cães constituíam, porque podiam ser lançados contra pessoas, como arma. O recurso a cães como elemento de defesa ou de ataque existiu desde sempre. Veja-se o seu uso no circo romano, onde eram habituais os combates entre animais de várias espécies ou com gladiadores e cães de grande porte, os molossos. Para além disto, os cães também eram frequentemente portadores de raiva e, quando desgovernados, podiam atacar pessoas de forma aleatória, nomeadamente crianças (Cockayne, 2016). O carácter fatídico da raiva, em especial, foi responsável, durante séculos, por medos atávicos que se projetaram, em grande parte, sobre os cães. A importância desta doença levou ainda a que a proteção de vários santos com virtudes taumatúrgicas fosse invocada em sua defesa (como Santa Quitéria, São Vito ou Santo Ulrich).

Um segundo conjunto de relatos hagiográficos que referem cães distingue-se dos já apresentados por porem em cena paralelos, convergências e inclusivamente simbioses entre santos e cães. Se o Grigio de Dom Bosco pode ser visto já, até certo ponto, como um *alter-ego* protetor, este animal permanece sempre como uma entidade diferenciada do santo. Já o mesmo não acontece nos relatos das vidas de São Domingos e de Bernardo de Clarival, onde nos surgem nítidos «duplos caninos», se bem que em contextos oníricos, uma vez que, nos dois casos, estas metáforas surgem em sonhos tidos pelas respectivas mães quando grávidas. No caso de Bernardo de Claraval, temos um pequeno cão branco com o dorso ruivo, uma curiosa conjugação de contrários, se

considerarmos o significado predominantemente positivo da primeira cor e negativo da segunda (Pastoureau, 2004, p. 197 sq), especialmente no período medieval:

Etant enceinte de Bernard, son troisième fils, elle eut un songe qui était un présage de l'avenir. Elle vit dans son sein un petit chien blanc, tout roux sur le dos et qui aboyait. Elle déclara son rêve à un homme de Dieu. Celui-ci lui répondit d'une voix prophétique: «vous serez la mère d'un excellent petit chien, qui doit être le gardien de la maison de Dieu; il jettera de grands aboiements contre les ennemis de la foi; car ce sera un prédicateur distingué, qui guérira beaucoup de monde par la vertu de sa langue». (Jacques de Voragine, 1967 II, p. 112)

Bastante semelhante é a passagem que encontramos na vida de S. Domingos: «Avant sa naissance, sa mère vit en songe qu'elle portait dans son sein un petit chien tenant dans sa gueule une torche allumée avec laquelle il embrasait tout l'univers.» (*idem*, p. 46). Acresce que logo no início desta hagiografia, o nome do santo é explicado etimologicamente como «guardião do Senhor», mas sem aludir ao trocadilho vulgarmente aplicado à ordem dominicana (*domini canis*). Nos dois casos, estamos perante ocorrências do *topos* do sonho premonitório que assinala o caráter de exceção de uma determinada personagem. Reencontramos também algumas das características referidas nos bestiários: a questão da fidelidade, a sua vigilância e a defesa do seu dono, ladrando, e ainda o poder taumatúrgico da sua língua.

O santo que de forma mais marcada integra o seu «duplo canino» é S. Cristóvão, padroeiro dos viajantes e, significativamente, invocado em situações de doença ou morte súbita, uma vez que articula uma identidade canina com uma função psicopompa. Inicialmente pagão, São Cristóvão é o gigante que, depois de convertido, se dedica a ajudar os viajantes a atravessar um rio, assemelhando-se a uma fusão entre o barqueiro Caronte e o monstruoso cão de três cabeças, Cérebro, que, na mitologia greco-latina, guardava o mundo dos mortos. De acordo com Walter (1992, p. 101 e 238-242) S. Cristóvão insere-se num complexo mítico de raiz pré-cristã, onde também se enquadram figuras como os lendários pássaros-cães, associados ao tempo e às passagens; Anúbis, o deus com cabeça de chacal que, na mitologia egípcia, guiava os defuntos

para o submundo; Órion, o gigante caçador que, na mitologia grega, servia Artemisa, a deusa da caça; ou ainda o cão negro que, na mitologia celta, assumia funções de mediador. Com efeito, em algumas tradições, nomeadamente irlandesas, russas e bizantinas, São Cristóvão é representado com cara de animal, geralmente de cão.^[13] Esta característica é bastante atenuada nas versões ocidentais, onde São Cristóvão surge, no entanto, como um gigante, de aspeto terrível e originário da Cananeia (*idem*, p. 7). Este último detalhe pode ser entendido como remetendo indiretamente para o imaginário canino, uma vez que os cananeus são os descendentes de Cam, filho de Noé amaldiçoado por este porque rira da sua nudez, e relegado para servo dos seus irmãos (*Gen*, 9: 20-25; 10: 6). Na *Bíblia*, este povo é visto como inimigo de Israel, idólatra, profano, iníquo, facilmente designado, ofensivamente, como cão uma vez que este animal, no judaísmo é considerado impuro.

O que esta lenda de um São Cristóvão cinocéfalo e inicialmente canibal nos traz de significativo é o facto de estimular o questionamento das fronteiras entre o ser humano e a animalidade. Tal como Gaidoz (1924) já referiu, esta tradição será de articular com a convicção na existência da raça monstruosa dos cinocéfalos, situada na Índia por Ctésias de Cnido no século V a.C.,^[14] sem descurar a tradição do nascimento de prodígios,^[15] ou a dos «homens selvagens», peludos, que ocasionalmente surgem na literatura medieval, geralmente comparados a ursos, posteriormente a macacos, mas também não muito longe dos cães, sobretudo se nos recordarmos da figura do lobisomem, mistura indistinta entre um ser humano e a variante mais selvagem e malévola do cão. Sendo o lobo um animal especialmente negativo, um predador

¹³ Gaidoz (1924) identifica os diversos locais onde ocorre a especificidade canina de São Cristóvão, identifica a origem de alguns elementos constitutivos da lenda, que procura explicar em articulação com figuras de outros sistemas religiosos (Anubis) e com a tradição da raça monstruosa dos cinocéfalos. Ver também o livro de Saintyves (2008).

¹⁴ Sobre a tradição das raças monstruosas, para além do artigo de Gaidoz (1924), ver as obras fundamentais de Friedman (2000) e Kappler (1980).

¹⁵ Na *Lenda Dourada*, na história de São Pelágio, Papa, é referido o nascimento de alguns prodígios, entre os quais um porco com cara de homem e gémeos siameses, em que um era humano e o outro um cão (Jacques de Voragine, II, p. 443).

equacionado com a rapacidade, a lubricidade e o diabólico,^[16] não será de espantar que também o lobisomem se articule, especialmente na tradição popular, com o motivo do «cão preto», já referido. Acresce que o hibridismo é uma questão particularmente sensível no período medieval, vista invariavelmente com desconfiança, dado o seu carácter indefinido.^[17] Assim, um santo com cara de cão, imagem do infiel, ou seja, do «outro», se bem que cristianizado, poderá ser visto como exemplo da possibilidade de domesticação e civilização das vertentes mais selvagens e sanguinárias do ser humano, bem como, a outro nível, exemplo de uma figura que, como sobrevivente das memórias arcaicas e pagãs, é «domesticada» e integrada em contexto cristão. Tal como Grigio poderá representar a captação das forças negativas externas e sua colocação ao serviço do santo, assim S. Cristóvão exemplificará a integração e controle das forças impulsivas internas, bem como das memórias e das convicções mais remotas.

Por fim, um último caso, talvez o mais curioso de todos, São Guinefort, uma tradição asperamente criticada pelo dominicano Étienne de Bourbon, no século XIII, e cujo processo de formação foi estudado detalhadamente por Jean-Claude Schmitt.^[18] Trata-se de um cão, um lebréu ou galgo que a tradição popular elevou à dignidade de santo e

¹⁶ No bestiário, o lobo é qualificado como um animal que ataca tudo, não deixando nada com vida, assemelhando-se às prostitutas que destroem as boas qualidades dos seus amantes, levando-os à ruína; comparáveis também ao diabo que ameaça permanentemente o rebanho dos fiéis da Igreja; os seus olhos brilham no escuro como lanternas, tal como as obras do diabo parecem belas aos olhos dos insensatos (Clark, 2006, pp. 142-145).

¹⁷ Sobre o carácter negativo, porque ambivalente, dos animais considerados híbridos, como o leopardo, ver Pastoureau (2007, pp. 187-188) e Suchaux e Pastoureau (2002, pp. 83-84). No que se refere ao cão há a referir os «licisci», mencionados no bestiário como resultado do cruzamento entre cães e lobos (Clark, 2006: 148). Por seu turno, os «corocrotos», referidos no *Liber de natura rerum*, de Thomas de Cantimpré, também são híbridos cão-lobo, têm um único e enorme dente, grande força, imitam a voz humana e nunca fecham os olhos (Abeele, 1999, p. 136). Sobre a negatividade das misturas de cores e de materiais (podem sobrepor-se, justapor-se, mas não misturar-se), ver Pastoureau (2004, pp. 157-158 e 177-179).

¹⁸ Schmitt (1979) publica e traduz o texto de Étienne de Bourbon sobre esta «superstição» (pp. 13-17) salientando o confronto entre a cultura clerical escrita e a sua congénere popular, oral. O autor refere ainda diversas versões da mesma história, de vários locais (geralmente em obras didáticas, onde servem de exemplo contra as atitudes precipitadas), propondo um fundo comum indo-europeu para estes contos. Finalmente, articula

mártir. Ao contrário de S. Cristóvão, que foi sendo progressivamente cristianizado e humanizado, perdendo a sua fisionomia canina, o caso de São Guinefort parece configurar-se como um exemplo de uma teimosa permanência de um culto pagão, que Walter (1992, p. 240-242) associa à figura do cão negro mediador da mitologia celta. O culto de São Guinefort é legitimado em contexto cristão pela seguinte lenda: um cão mata uma serpente que pretendia devorar o filho do seu dono. Ao chegar a casa, o dono pensa que o sangue que mancha o cão é do seu filho e mata injustamente o animal, pensando que este teria atacado o bebé. Ao perceber o que realmente acontecera, o dono arrepende-se amargamente da sua impulsividade. O cão Guinefort passa a ser considerado «santo», protetor de crianças doentes, sendo as suas relíquias veneradas em França e Itália, até ao século XIX. Mais uma vez, o que pode parecer típico de uma crença arcaica ou distante, chega quase até aos nossos dias, mostrando-nos como as diferentes facetas da trama do imaginário que rodeia a figura do cão enquanto «outro eu» tem permanecido ao longo do tempo. De salientar que Schmitt (1979), ao estudar os elementos desta tradição popular, que considera como composta a partir da associação da lenda do galgo sacrificado, da memória de um santo Guinefort de Pavia e de ritos anteriores (associação esta que terá ocorrido entre o séc. XI e o XIII), põe a hipótese da convergência entre a lenda e a tradição do santo ter sido favorecida pelas crenças associadas ao período da canícula,^[19] e comenta o facto de os ritos que se lhe associaram decorrerem de rituais de passagem ancestrais,^[20] o

o conjunto lendário com as crenças e práticas que lhe foram associadas, contextualizando a sua evolução, bem como a sua pertinência em diversos momentos.

¹⁹ O período do ano dominado pela constelação do cão, a canícula, é um tempo quente associado a doenças e epidemias, nomeadamente à raiva dos cães, sendo que as festas de grande parte dos santos protetores da raiva têm lugar neste momento do calendário (Schmitt, 1979, pp. 206-213). Ver também o estudo exaustivo de Walter (1988) no qual o autor, apesar de se centrar no romance *Yvain*, de Chrétien de Troyes, faz um percurso por múltiplas representações mitológicas, tradicionais e hagiográficas relacionadas com o período da canícula.

²⁰ «Le but du pèlerinage était de récupérer l'enfant volé par les démons de la forêt, et de leur rendre, en échange, leur enfant, le changelin, qu'ils avaient substitué à l'enfant des hommes. Cette restitution s'effectuait hors de la vue de la mère, au cours d'un rite de passage constitué de trois phases successives: séparation, marge, agrégation.» (Schmitt, 1979, p. 237).

que permite aproximar esta lenda da figura de S. Cristóvão e da vertente psicopompa que parece ser basilar para o entendimento aprofundado do imaginário do cão, tal como representado nos textos agora estudados.

Assim, em termos gerais, o percurso realizado permite-nos confirmar a existência efetiva de múltiplos pontos de contacto entre bestiários e hagiografias. No entanto, não permite uma conclusão definitiva quanto à origem destas coincidências, podendo tratar-se de influência, ou de geminalidade, ou ainda de ambas, se pensarmos que as duas formas textuais em questão coexistiram durante séculos, sendo as suas narrativas reelaboradas e aprimoradas, frequentemente graças à integração de materiais diversos, tanto da tradição livresca culta, como da popular, oral. Certo é que as duas formas textuais partilham do mesmo contexto cultural, ideológico e imaginário, sendo de notar que, curiosamente, é no bestiário que predomina, de modo mais flagrante, o caráter didático-moral, sendo que a hagiografia, independentemente de também assentar sobre uma base religiosa assumida, traz-nos, de forma mais nítida, traços do imaginário canino mais arcaico, marcadamente pagão, se bem que cristianizado, caso dos ecos infernais e da dimensão psicopompa, o que nos mostra a perenidade destes motivos e, simultaneamente, nos confirma a sua importância ao nível do imaginário humano.

REFERÊNCIAS

- ABEELE, Baudouin van den (1999). L'allégorie animale dans les encyclopédies latines du Moyen Âge. In Berlioz & Beaulieu (dir.). *L'animal exemplaire au Moyen Âge (Ve-XVe siècles)*. Rennes: Presses Universitaires de Rennes., pp. 123-143.
- BERLIOZ, Jacques & BEAULIEU, Marie Anne Polo de (dir.) (1999). *L'animal exemplaire au Moyen Âge (Ve-XVe siècles)*. Rennes: Presses Universitaires de Rennes.
- Bíblia Sagrada* (Frades Capuchinhos) [disponível em http://capuchinhos.org/biblia/index.php/Página_principal data da última consulta: julho de 2018].
- BOSCO, Giovanni (1979). *Memorie dell'Oratorio di San Francesco di Sales dal 1815 al 1855*. Roma: Editrice SDB [disponível em: <http://www.sdb.org/it/don-bosco/opere-edite/217-scritti-di-don-bosco/909-memorie-dell-oratorio-dal-1815-al-1835#ar01s01>, data da última consulta: julho de 2018].

- CLARK, Willene B. (2006). *A Medieval Book of Beasts. The Second-Family Bestiary: Commentary, Art, Text and Translation*. Woodbridge: The Boydell Press.
- COCKAYNE, Emily (2016). Who Did Let the Dogs Out? – Nuisance in Late Medieval and Early Modern England. In Laura D. Gelfand (ed.). *Our Dogs, Our Selves. Dogs in Medieval and Early Modern Art, Literature, and Society*. Brill: Leiden-Boston, pp. 41-67.
- CURLEY, Michael J. (trad. e introd.) (1979). *Physiologus. A Medieval Book of Nature Lore*. Chicago & London: University of Chicago Press.
- FÁBULA. *A Fábula na Literatura Portuguesa: Catálogo e História Crítica*. Instituto de Estudos de Literatura e Tradição da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa [disponível em: <http://www.memoriamedia.net/fabula/>, data da última consulta: abril de 2019].
- FARACI, Dora (a cura di) (2003). *Simbolismo Animale e Letteratura*. Roma: Vecchiarelli editore.
- FRIEDMAN, John Block (2000). *The Monstruous Races in Medieval Art and Thought*. Syracuse - New York: Syracuse University Press.
- GAIDOZ, M. H. (1924). Saint Christophe a tête de chien en Irlande et en Russie. *Memoires de la Société Nationale des Antiquaires de France* 60, pp. 192-218.
- GIBSON, Walter S. (2016). Metaphorical Dogs in the Later Middle Ages: The Dogs of God and the Hounds of Hell. In Laura D. Gelfand (ed.). *Our Dogs, Our Selves. Dogs in Medieval and Early Modern Art, Literature, and Society*. Brill: Leiden-Boston, pp. 363-386
- HAUBRICH, Wolfgang (2003). Chiens fidèles et autres ‘bêtes’ littéraires. In Faraci (a cura di). *Simbolismo Animale e Letteratura*. Roma: Vecchiarelli editore, pp. 119-132.
- JACOBUS DE VORAGINE (1900). *THE GOLDEN LEGEND OR LIVES OF THE SAINTS*, trad. William Caxton [1483], ed F. S. Ellis. London: Temple Classics [vol. 5].
- JACQUES DE VORAGINE (1967). *La Légende Dorée*. Paris: Flammarion [2 vols.].
- JOÃO I (2003). *Livro de Montaria feito por El-Rei D. João I de Portugal*, ed Manuela Mendonça. Ericeira: Mar de Letras
- KAPPLER, Claude (1980). *Monstres, démons et merveilles à la fin du Moyen Age*. Paris: Payot.
- LIBROVA, Bohdana (2003). Quelques observations sur les emplois figurés des noms du chien en français médiéval. In Faraci (a cura di). *Simbolismo Animale e Letteratura*. Roma: Vecchiarelli editore, pp. 61-89.
- LUBAC, Henri de (1959, 1961, 1963). *Exégèse Médiévale. Les quatre sens de l'écriture*. Paris: Aubier [3 vols.].

- LUCAS, Maria Clara de Almeida (ed.) (1988). *Ho Flos Sanctorum em Lingoage: os Santos Extravagantes*. Lisboa: INIC.
- MARCHESE, Francesco (1686). *Vita della Beata Margarita di Cortona*. Roma: ad istanza di Niccolò Taglini.
- PANUNZIO, Saverio (ed) (1964). *Bestiaris*. Barcelona: Barcino.
- PASTOUREAU, Michel (2004). *Une histoire symbolique do Moyen Âge occidental*. Paris: Seuil.
- PASTOUREAU, Michel (2007). *L'ours. Histoire d'un roi déchu*. Paris: Seuil.
- SAINTYVES, Pierre (2008). *Saint Christophe successeur d'Anubis, d'Hermès et d'Héraclès*. Genève: Arbre d'Or.
- SALTER, David (2001). *Holy and Noble Beasts. Encounters with Animals in Medieval Literature*. Cambridge: D. S. Brewer.
- SCHMITT, Jean-Claude (1979). *Le Saint Lévrier: Guinefort, guérisseur d'enfants depuis le XIIIe siècle*. Paris: Flammarion.
- SOBRAL, Cristina (2001-2002). O *Flos Sanctorum* de 1513 e as suas adições portuguesas. *Lusitania Sacra*, 2ª série, 13-14, pp. 531-568.
- SUCHAUX, Gaston Duchet & PASTOUREAU, Michel (2002). *Le Bestiaire Medieval. Dictionnaire historique et bibliographique*. Paris: Le Léopard d'or.
- VASCONCELLOS, José Leite de (ed) (1903-1905). Fabulário português. *Revista Lusitana*, VIII, pp. 99-151.
- WALTER, Philippe (1988). *Canicule: essai de mythologie sur Yvain de Chrétien de Troyes*. Paris: SEDES.
- WALTER, Philippe (1992). *Mythologie chrétienne. Rites et mythes du Moyen Age*. Paris: Entente.
- WOODS, Barbara Allen (1959). *The Devil in Dog Form: A Partial Type-Index of Devil Legends*. Berkeley: University of California Press.
- ZUCKER, Arnaud (ed., trad. e introd.) (2005). *Physiologos. Le bestiaire des bestiaires*. Grenoble: Jérôme Millon.